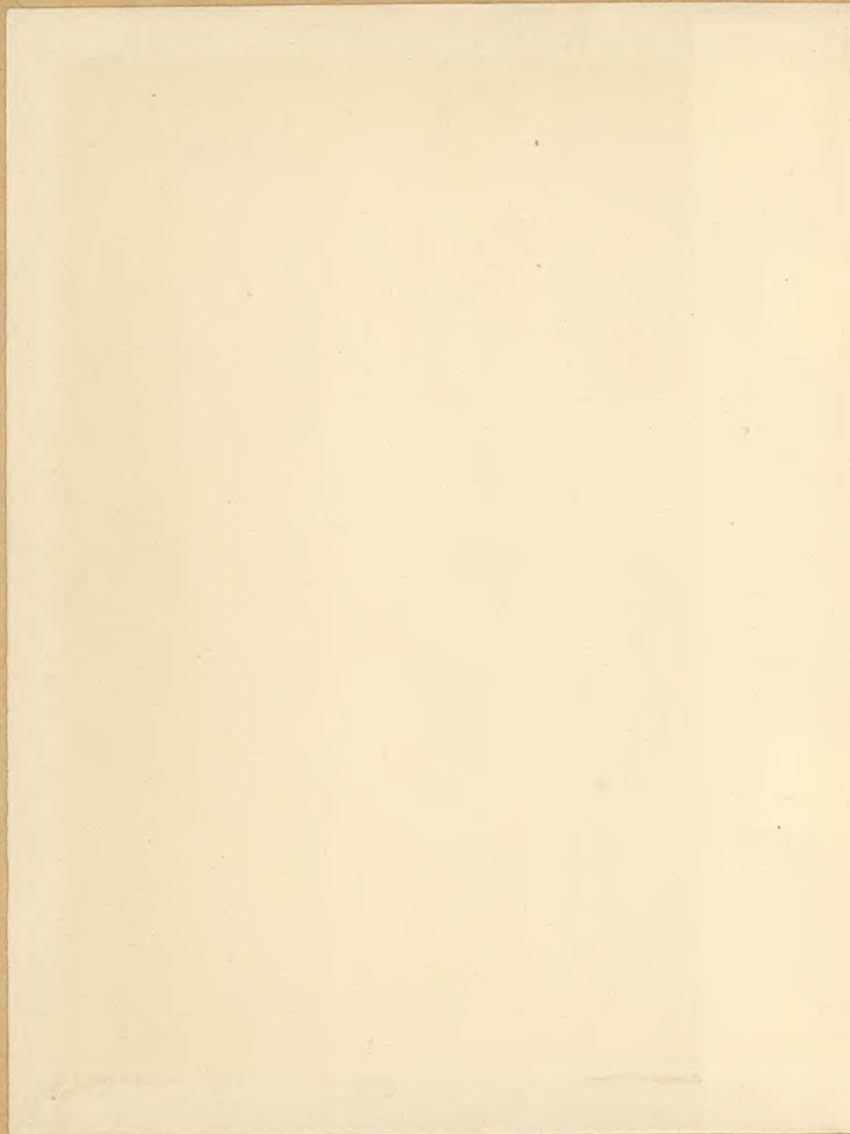


RESERVADO

3812

B. N. L.







Res  
3812

91

9

**ANTONIO FRANCISCO BARATA**



ANTONIO FRANCISCO BARATA

DO ALENTEJO AO MINHO A CORRER



BARCELLOS  
Typographia da *Aurora do Cavado*  
Editor—R. V.  
1896

COMPRA

R. 178149

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho,  
80 em papel d'algodão.

N.º \_\_\_\_\_



O meu bom amigo e compadre Antonio Francisco Barata, espirito esclarecidissimo e assidua e cuidadosamente cultivado, escriptor de relevante merecimento, quer como poeta quer como prosader, não havendo, quasi se pôde dizer, assum-

pto no vasto campo das letras que mais ou menos não tenha abordado, no verso desde o puro lyrisimo até o romance historico e até o poema heroico, na prosa desde a narrativa puramente romantica até a historica, genero seu predilecto, até o drama e a propria historia, tendo-se, além de tudo isto, testemunhado por mais do que uma vez polemista distincto e critico sagaz e rectissimo; Antonio Francisco Barata a mais ninguem deve o tudo, o muitissimo que vale na nossa litteratura, bem e incontrastavelmente attestado por o semnumero de obras que tem dado á luz, do que a si proprio, á sua enorme força de vontade, incançada e resoluta, a um labutar já-mais feriado no manuseamento de bons livros.

E o posto distincto e honrosissimo que tem conquistado—já-mais foi melhor empregado este termo—no campo das letras não lhe tem custado sómente uma vida inteira de fadigosas lucubrações, que para abrir lugar para estas constante lhe tem sido tambem a lucta de todos os dias, de sol a sol, pela existencia, pois só nomundo, desprovido de bens de fortuna, ao seu trabalho unicamente deve os meios de vida para si e para os seus, desempenhando para occorrer ás impreteriveis exigencias d'esta tres diversos officios na cidade de Evora, que todos tres, apesar das trabalhosas lidas que comsigo trazem para quem, como Barata, d'elles se quer desempe-

rhar bem a preceito, (a) apenas para custeio do *au jour le jour* lhe bastam, sem lugar para economias.

Uma vida assim trabalhada, e trabalhosa, sem recompensa condigna, que no nosso paiz, mais do que em nenhum outro, só medram e são festejados e apadrinhados e recompensados os zangões e os nescios, com tanto que saibam lonvaminhar e bajular com a espinha dorsal dobrada para os que estão de cima, mas bem erecta, como em desforra e desforço, para os que estão debaixo, bem merecia e bem precisava de ser de tempos a tempos ferida com alguns dias de folga, mas nem esses Barata logra obter, adstricto ao cumprimento de seus deveres, e não querendo impor a outros o serviço que lhe incumbe, que antes do dos outros se encarrega elle, e rarisimas vezes são as em que levanta mão de seus

---

(a) Um d'esses tres officios é de empregado na riquissima Bibliotheca de Evora, estabelecimento onde elle o unico a trabalhar, o unico a saber e o unico a fructificar, casos que de todos são bem sabidos mas sobre que fecham os olhos, para os não recompensarem fingindo nem sequer vel-os, apesar de bem os aproveitarem, uns nescios ou enfatuados que a sorte, com bons padrinhos, lhe collocou superiores na hierarchia burocratica. . . Contos largos. . . mas para trazer a publico em tempo.

mistêres e só o faz quando a medicina a isso aconselha e força até.

Foi o que succedeu em setembro passado em que alguns dias roubou ao mourejar de todo o anno para dar um salto do «Alemtejo ao Minho». Das impressões que d'essa rapidissima jornada lhe ficaram foram fructo alguns folhetim que ao correr da penna escreveu e que sahira na *Aurora do Cavado*, d'onde os saccamos para o presente opusculo, e fructo' tambem de desgosto foi, por cousas da Bibliotheca de Evora para Barata, facto a que incidentemente elle allude no seu escripto, e que talvez em tempo venha a lume para exemplo que aproveite, essa jornada.

Novembro 1896.

RODRIGO VELLOSO.



## **Do Alemtejo ao Minho a correr**

Depois das duas horas da manhã de 7 de Setembro saía eu de Évora no caminho de ferro, com os meus nobilísimos amigos, os srs. Visconde da Esperança e Dr. José Lopes Marçal.

Cançado de trabalhar, aconselhava-me a medicina pelos lábios d'aquelle in-

telligente clinico uma saída de Évora, ainda que de alguns dias somente.

Como empregado da Bibliotheca de Évora, pedira licença em fins de Agosto ao superior della, e um homem, a quem fizesse entrega do estabelecimento, durante minha ausencia. Concedida chegada do homem, esperci, esperci; e como este não apparecesse e eu não podesse deixar a Bibliotheca ao Servente, por seu quasi analphabetismo *somente*, fechei a Bibliotheca e deixei esclarecimentos por escripto ao promettido homem, se houvesse de chegar.

Parece que foi de ver e de pasmar a cealeuma com que alguns ignorantes botaram telegramas, e queixas, e não sei que cousas mais, por se ter fechado a rica Bibliotheca aos Eborenses illustrados, que para o serem a não frequentam, e alguns mesmo nunca a viram!

Até ouvi que me queriam trucidar, e não sei que peor.

Por lei de 1866 é o mez de Setembro de ferias para a Bibliotheca, sendo para mim ponto duvidoso, e para outros

homens, se uma lei posterior derogou aquella disposição. Tinha a cabeça no seu lugar quem a fez, a lei que feriva Setembro, visto que ninguem frequenta a Bibliotheca em tal mez, ausentes da cidade os estudantes.

Mas, deixando isto, que não estranho, por me lembrar que a um grande litterato, que foi meu amigo, Camillo Castello Branco, tambem apedrejaram uns certos na velhice d'elle, e por ser certo que este paiz, moralmente corrompido, paga sempre bem a quem trabalha, como me tem feito a mim, e continua a fazer!

Ah! bons mandriões! para vós é que isto vae ás mil e uma maravilhas...

Assumpto é este para outro logar: direi do meu passeio retemperador de forças.

Esperavam-nos na estação de Pegões. Numa especie de *char-à-bancz* fomos os três amigos caminho de Santo Estevam de Ribeira de Canha. Vasta charneca d'areia e matto até Canha, povoação proxima da Ribeira d'aquelle nome. Desolador tracto: nem uma ave, um coelho ou

lebre, avistámos pelo caminho! Dois dias passei em Santo Estevam admirando a vasta propriedade da *Azinhiera* que ali usufrue o sr. Visconde da Esperança, e a riqueza da freguezia, que pena é ser muito sesonatica. Deixando ali áquelles amigos fui para Benavente sobre um carrito que levava as malas do correio, para ir demandando o Tejo, que passaria onde conviesse.

E' uma bella villa Benavente, com bons predios e optima matriz, de que algo já escrevi não sei onde, ha já annos.

Depois de haver jantado com um patricio e bisarro amigo, o priôr, sr. J. S. Mathias, segui de tarde por Samora Corréa, residencia real temporaria ro seculo passado, até que, sobre a tarde, atravessado o famoso *Tagus* em barco, aportei a Villa Franca. Que saudade me acordou no peito esta villa! Lembrei o anno de 1853, em que eu, pela primeira vez, fôra de Coimbra a Lisboa a pé, tendo por companheiros os celebrados Recoveiros *Magros*, a quem Deus perdoe, se já lá estão na terra da verdade.



E o senhor Dom João VI, de tabaqueira memoria, e a *villa francada* de seu bemdito filho!

A' noite, ao chegar de Lisboa o comboio segui meu itinerario para o Porto e para Barcellos, onde ao meio dia seguinte entrava em casa de um de meus inalteraveis amigos de ha largos annos, desde Coimbra, do seu tempo de estudante, o sr. Dr Rodrigo Velloso, o Advogado sabedor, e eloquentissimo orador forense do Minho, e de toda a parte, onde sua voz e seu talento se levantem na defesa dos que presizam de seu auxilio, e juridica protecção.

Que dizer d'este amigo, e de sua casa, e de seu seminario de exemplares donas de casa, suas Excellentissimas filhas? e de sua nobre Mãe d'ellas, e de seus irmãos? Nada por não conhecer adjectivação apropriada para as virtudes que as exornam.

Dois dias ali passei n'aquelle sanctuario de grande consolação para mim, sentindo-me forte e rejuvenescido.

E' muito de minhas relações esta villa,

esta Meca da amizade, onde tenho peregrinado, idolatra de um amigo, uma e muitas vezes. E permitta Deus que não fosse esta a ultima vez...

Fui ver a matriz, o velho templo dos Duques brigantinos.

Haviam desaparecido do pavimento umas curiosas campas com epitaphios em verso, que eram sem duvida do seculo XV, e no logar dellas vi eu pedras rasas ou taboas!

A mesma falta de instrução archeologica de todo o paiz nos conegos d'alli, e nos homens das Confrarias e ichacorvos das egrejas! E' um *bota a bota a baixo* em tudo, este bello paiz de *Cocagne!* que para prefeitamente o ser, tem até iconoclastas nos dirigentes de seus destinos politicos...

Era um sabbado á noite e eu preparava-me para sair de Barcellos e volver ao sul do reino, quando o meu amigo devia partir para a Quinta da Lage, no freguezia de Lavradas, do Concelho de Ponte da Barca, hoje propriedade sua. Um cêrco em forma me foi posto por suas

gentilissimas filhas, a fim de com elles ir até Lavradas: houve rendição, e na madrugada de domingo partimos em dois trens, estrada de Ponte de Lima. Manhã fresca, de pequenos aguçeiros cacimbosos não deixava gosar bem os lindissimos panoramas do Minho delicioso. Chegamos ao ponto em que existe uma propriedade historica, archeologica, perfeitamente coeva da monarchia, Curutello, propriedade do meu nobilissimo amigo, que lhe legára sua primeira esposa. Fomos vellos homens, com excepção do dedicado J. Caravana, que ficara acompanhando as senhoras no ponto em que a estrada para ali despede um braço.

Erguido n'um monticulo se alteia senhoril o medieval Castello, ou torre de Curutello, coroado de ameias tismadas dos seculos, dominando a propriedade e terras propinquas. Respeitavel monumento é este, como outro não vi, a não ser cá no sul do reino o Castello dos Condes Barões de Alvito, de maiores dimensões.

Vem do principio da monarchia portugueza, se não de antes, aquella torre. Payo

Nudz e Nuno Nudz são os mais antigos senhores de Curutello de que nos falla a historia. Na sequencia dos tempos pertencera em 1831 a João Jacome do Lago da Silva Gajo e Moscoso, cujos terceiros avós foram Antonio da Silva Jacome do do Lago e D. Margarida de Magalhães de Barros, pelo materno, Bento de Avallhe, senhor de Fiolhe, e D. Marianna Mosquera.

Não podia haver demora na visita; estavam longe de Ponte do Lima e de Lavradas.

Seguimos em demanda destas terras.

Tres cavallos puxavam ao maior dos carros, um *char-à-bancs* de grandes dimensões. Era um delles o ressuscitado cavallo dos cantares do Tolentino, que depois de muito atagantado, escorrendo sangue da pelle dilacerada, teve de ser abandonado, deixado ficar na via publica, á vista já de Ponte do Lima. Dera o misero quadrupede uma lição ao cocheiro deshumano: estacára por modo que os dois q não podiam tirar do ponto final que de-

liberára pôr a seu martyrio. Ajuisada creatura este animal.

Almoçados nesta formosa villa continuamos jornada para Lavradas e Quinta da Lage, onde chegámos por tres horas da tarde.

Foi esta casa nobre o paço de D. Rodrigo Taveira que o deu a sua filha D. Brites Taveira, para casar com Lopo da Costa, entrando então na familia os Almeidas Laborões.

Dos Almeidas encima o portão de entrada um brasão d'armas, e quanto aos Laborões declaro não saber nada de taes fidalgos, absolutamente nada. Succedeme com elles o que ha pouco com os Valdevinos, que para colher uma mão cheia delles deu-me o vão pela barba.

Vale formosissimo de verduras e fresco de muitas aguas é deliciosa a vivenda da Lage situada nelle. Um dia e não mais ali passei, retemperando-me o peito aquebrado o purissimo oxygenio de um mar de verdura circumdante.

Não era a vez primeira que eu ali estivera: vivendo ainda o bondosissimo pae

de meu compadre, o sr. Dr. Rodrigo Velloso, ali fôra com este em annos volvidos.

Emquanto a viadima progredia com azafamado movimento de homens e de mulheres, fui eu fazer uma visita á Ex.<sup>ma</sup> Senhora, mãe do sr. Doutor Queiroz Velloso, sobrinho de meu compadre. Nova casa na encosta verdejante de vistas encantadoras para alem do Lima, fidalga e festiva recepção, conversa larga, visita meuda ao predio novo e suas dependencias, sem excepção da capella, em que existe uma formosissima imagem da Virgem.

Despedido d'aquella senhora, desci a S. Salvador de Bravães, por dar pabulo ao amor archeologico, que me anda no corpo desde Coimbra.

Sem receio de me enganar, a igreja de Bravães é fundação do seculo X ou XI, uma contemporanea do Conde D. Henrique e do filho.

Não mui vasta, de silhares graniticos, tem em volta, junto aos beiraes um friso de curiosos labores, pelo tosco aca-

bamento e variedade dos desenhos. Uma rosacea caprichosa lhe dá luz pela parte posterior, erguendo-se-lhe na frente um companario de uma só ventana ao centro da fachada. Como as construcções da epocha. teve outra rosacea na fronteira, hoje substituida por singela e des-elegante janella moderna.

O portico, porém, conserva a sua pristina belleza. Profundo, patentea uma grande variedade de labores singulares pelo incipiente da arte. Duas das columnas representão um homem e mulher d' aquelles tempos, com suas vestes caracteristicas.

A' entrada da porta lateral que olha para a estrada publica tem esta inscripção em gothico—monachal tosquissimo:

era: m: cc: XXV  
obiit. prior. eclee  
menendiz. tv  
lector. memento. mei.

Do lado opposto, em pedra que parece ali encravaða entre os silhares, como vin-

da já de outra construcção, lê-se o seguinte:

istam. tore  
fecit prior  
midemo-e m

Se as duas letras finaes desta ultima linha são *e* e *m* temos que a inscripção poderia ser de outro templo mais antigo duzentos annos, do seculo IX.

E' um monumento que deve ser estudado e reproduzido pela estampa. Com vista ao sabio redactor do *Archeologo Português*, o sr. Leite de Vasconcellos.

No dia seguinte, a uma terça feira, por seis horas da manhã, tomava eu a diligencia, que vinha da Ponte da Barca, dado um abraço em meu exemplarissimo amigo, e seguia para Vianna.

E lá me ficava aquella boa e santa familia amiga, o socego, o descanso, a saude. Lá me ficavam horas felizes que por cá não logro, a não ser as passadas na *Marisola* com outro amigo ainda desde Coimbra, o sr. Visconde de Esperança (Barahona).



Lá me ficava o sr. Caravana, aquelle bem dotado de nobres sentimentos, aquelle intelligente *diseur* e eximio tocador de violão, com sua voz de baritono, e de baixo quando lhe apraz. Lá me ficava a vida, que não tenho 'neste desterro final da capital transtagana... onde terei de soltar o ultimo alento vital, que já não ha quem d'aqui me tire.

Logo que tive logar nos assentos de fóra da Diligencia para um d'elles passei, por ir vendo as *risonhas margens do Lima*, que em tempos cantára em bons versos um estudante de medicina, natural de Lamego, ao buscar rival a Coimbra.

.....  
Risonhas margens do Lima  
Vosso encanto, vosso clima,  
Vosso orgulho nada val;  
Pelo seu vasto horisonte,  
Pelo seu campo de flores,  
Pelo seu todo de amores  
Coimbra não tem rival.

Du deixo por ella Cintra,

Deixo o Lima bemfazejo,  
Que o Mondego vence o Tejo  
E Coimbra a capital;  
Só não deixo per Coimbra  
Nem me esquece no Mondego,  
Uma só terra, Lamego,  
A terra do meu natal.

O que agora me havia de lembrar!  
Uns versos ouvidos na mocidade, se não  
ainda na infancia, e por certo já estropia-  
dos.

Duas moçoilas dos Arcos me ficavam  
diante, uma das quaes ia cantando sem-  
pre, sempre em melopea tristonhas canti-  
gas arraianas de frescos e picantes con-  
ceitos.

A' entrada de Ponte do Lima notei a  
casa nobre em que falleceu ha pouco  
tempo o conde da Aurera (Sá Coutinho)  
que conheci estudante em Coimbra, e a  
quem mais não vi depois. Optima viven-  
da.

D'a.i até Vianna é mui linda a estra-  
da, como famosa a vasta casaria dos  
condes de Bertandos.

Pouco depois do meio dia chegava eu á encantadora Vianna, e começára de sentir no espirito hesitações sobre se deveria seguir logo para Lisboa, ou ir vêr o resto de Portugal, que tão pouco era, se deveria ir vêr Valença. Decidiu-me por esta ideia a de que sendo eu um velho, não mais iria ao Minho, e fui, fui vêr Valença.

Formosa tarde de Setembro era aquella em que fui para Valença: o tagante do sol era modificado pela brisa do mar que vao banhando as terras de Montedor, Ancora e Caminha. Montanhas de verdura da banda direita, montanhas de agua e espuma da esquerda; uma lindeza tudo aquillo.

Eu não fazia ideia perfeita do rio Minho, com relação á veia d'agua que lhe dá corpo: suppunha-o mais pobre de cabedaes. Pujante massa liquida vae separando os dois reinos, que a natureza creou para serem um todo politico como a flora e fauna lhes dá homogeneidade geologica, até ao Finisterra e costa Cantabrica. A mesma ethnographia, semelhan-

ça de linguas em tempos antigos, e hoje mesmo, convidam a não ser o rio Minho a divisória dos dois paizes: ou tudo Hespanha ou Portugal com a Galliza.

Quasi sol poente chegava o comboio á estação de Valença, que demora a um hilometro da villa e praça de armas.

Nova hesitação em meu espirito sobre se devia ficar ou seguir para Tuy, a cidade de Hespanha, que eu via em minha frente. Segui para ella por lhe admirar a bella cathedral tiznada, que se alteia convidativa no pincaro da altura. Passada a ponte internacional, rodeia a ferrovia a cidade de Tuy, para ter a estação d'ella a nordeste, a uma certa distancia da povoação. Não me sujeitou a vexames aduaneiros uma pequena mala de mão que levava com roupa.

Ao sair da estação busquei homem, mulher ou rapaz que me levasse para Tuy a leve bagagem e me conduzisse a uma casa em que eu pernoitasse: ninguem vi dos que procurava. A' porta, porém, da estação conversavam tres moços de bella presença e bem trajados: e a elles

perguntei se não era costume haver ali pessoas que prestassem aos recémchegados o auxilio de que eu precisava. Polida e cortezmente me responderam que sim, quando um d'elles via approximar a uma rapariga que, pelos modos, se dava ao mister desejado.

Com ella segui para Tuy, despedido com agradecimento do jovens bem educados. Alojado n'um hotel, cujo nome nem fixei, pela rapidez do meu viajar, saí por ver a cidade e dirigi meus passos para a Cathedral vetusta. Cerrava-se a noite, quando chegado ao adro d'ella e porta lateral a vi aberta: entrei. Escuridão grande no vasto templo: nada podia ver nem apreciar; saí, para voltar de manhã, e voltei á rua donde partido, rua larga, n'uma especie de avenida arborisada, com bellos predios e lojas de commercio.

Ninguém conhecido. A nostalgia, que sentia Camões quando, por lhe pôr ponto, exclamára:

“Que alegria não pode ser tamanha  
Que achar gente visinha em terra estranha.”

Sem alegria ia eu quando a mim se chegou o sr. D. Joaquim Castro Garcia, um dos tres que topára na estação e me perguntou se já tinha hotel. Depois de agradecer a amabilidade, disse-lhe que se um dia viesse a Portugal lhe prestaria serviço equal, dando-lhe o meu bilhete. Foi de ver no moço a ledice com que logo chamou outro que perto passeava, ao ver que eu era um trabalhador de uma Bibliotheca. Veio elle, o chamado pelo sr. Castro Garcia: era um moço que se formára já neste anno em Direito na Universidade de Sant'Iago, o sr. D. Manoel Cerda, a quem fui apresentado. D'ali a pouco tinha em volta maior numero de bellos e joviaes rapazes, todos estudantes de diversos annos da Universidade referida, sendo um d'elles o sr. Marquez de Olivares, do sangue do notavel Conde Duque, da historia, que na Gallisa veraneava. Em companhia d'elles vi os mais lindos sitios da pequena cidade, deveras formosos, e já de noite me mostraram as ruas historicas e tradicionaes, que têm trazido em seus nomes os dos fundadores

de Tuy: Diomedes e seu filho Tideu. A' noite me obsequiou o sr. D. Manoel Cerda com uma publicação sobre as antiguidades da cidade, bem elaborada por um seu filho, que lera muito os autores apropriados, com bases mais solidas: Sandoval e Flores na *Hespaña sagrada*. Na antiguidade desta, como de todas as terras, eu respeito a tradição; mas não a considero fonte pura, sendo para mim verdade eterna a de Camões.

“Que em tanta antiguidade não ha certeza

Alumeada da luz da historia, do ponto em que primeiro campeára a cidade a mudou o rei D. Fernando II para o sitio actual, pelos annos de 1170, e D. Affonso I lhe fundou a cathedral por 1224. Tem por armas a cidade meia lua em campo azul com tres estrellas douradas. E' a notavel egreja, como todas as sés da Hespanha, que eu conheço, escura, penumbrosa, convidativa ao recolhimento do espirito, á prece ao Ente Supremo. Do periodo ogival secundario tem, como as

do primeiro, a mesma disposição geral. Não abundam n'ella os monumentos archeologicos; o tumulo de um ou outro bispo antigo e alguns dos modernos. A clausura é digna de estudo: vi nella duas inscrições, que não tive tempo de ler em seu gothico monachal de não correntia leitura. Estranhei uma especie de reposteiro de um tecido herbaceo, que lhe veda a entrada lateral, sobre a porta do guarda vento, pesado e incommodo.

Tuy não é praça forte; restos de antiga fortificação em acanhado circuito já enervada nas construcções modernas. Seminario, conventos, mulheres formosas e commercio acanhado, tal a impressão que me ficou da visita fugitiva.

Depois das oito horas da manhã volvi a Valença, a pé, um kilometro, se tanto, de percurso em bella estrada e optima ponte.

Por falta de explicação dada a Castro Garcia não me despedi d'elle que me promettera ir dizer adeus á estação do caminho de ferro, crendo que por ali voltaria a Portugal, como viera. Que elle me



releve a involuntaria falta, que só tem explicação no esquecimento.

Valença, que rapidamente percorri, é uma povoação de aproximada grandesa de Tuy, fechada no seu cinto de fortes muralhas de defesa, artilhada á antiga mas já com algumas peças modernas; domina Tuy por completo, não por lhe ficar a cavalleiro, mas por não haver na cidade hespanhola artilheria que lhe possa responder á sua, em caso de luctas inuteis, que Deus afaste dos dois povos irmãos, prefelizmente irmãos.

Nada vi em Valença que me prendesse o gosto ao passado monumental, nada. Volvi a um hotel bem servido, de frente da estação do caminho de ferro, donde saí para o Porto ás duas horas da tarde.

Na estação de Vianna entraram no vagão em que eu ia dois homens, que me conheciam de nome, conhecendo eu apenas a um d'elles, de Lisboa, em volvidos annos, os srs. Eduardo da Cunha Rego e Antonio Moreira Cahral, dois confrades no amor aos bons livros. Fallámos, letras, artes, archeologia. Tinham elles

ido a Vianna por ver uma exposição retrospectiva d'arte ornamental; que ali se fizera. Della me disseram bem.

Na estação do Porto apenas vi um homem conhecido, o sr. Teixeira de Aragão, que me disse ter chegado de Lamego.

Em Aveiro abracei na estação a um velho amigo da Coimbra, a um dos raros sabedores bibliographicos que tem o paiz, colleccionador do passado em todas as manifestações da humana actividade, com especialidade mais do seu affecto, a dos productos litterarios e scientificos.

Ao chegar á Pampilhosa lembrei despedir-me do Bussaco; não tinha, porém, tempo disponível, e segui para Lisboa, onde entrei de manhã. Nesta cidade precisava eu demorar-me alguns dias. Não o fiz, por causa que não vem para aqui expor.

E cá estou no meu desterro, cumprindo sentença da sorte por crimes que não commetti, e onde com toda a probabilidade terei de deixar a ossada sem remedio, no *cemiterio dos Remedios*, cerca de

frades carmelitas descalços onde jaz um mestre e grandissimo trabalhador litterario, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Ao menos terei alem da vida um companheiro, um confrade litterario na cidade dos mortos, entre a multidão vulgar e ignara dos milhares de ignorados, que ali jazem.

Evora, ao findar setembro de 1896.











